

ESTUDOS SOBRE A CORRESPONDÊNCIA MACHADIANA: AS VOZES E SEUS EFEITOS NO JOGO EPISTOLAR

Maria Cristina Cardoso Ribas (FFP/UERJ; PUC-Rio)

1. Efeitos barthesianos da Escritura Múltipla — Os *machados* de Assis¹

“Na escritura múltipla, com efeito, tudo está para ser deslindado, mas nada para ser decifrado; a estrutura pode ser seguida, ‘desfiada’ /.../ em todas as suas retomadas e em todos os seus estágios, mas não há fundo; a escritura propõe sentido sem parar, mas é para evaporá-lo.” (BARTHES, 1988, p.69)

Em “A morte do autor”, Barthes declara que “a escritura é a destruição de toda voz, de toda a origem, o branco e preto aonde vem se perder toda identidade, a começar pelo corpo que escreve.” (p. 65) Em princípio, esta sentença parece demolir a nossa intenção de encontrar a voz — ou as vozes — epistolar(es) de Machado em sua correspondência com os acadêmicos amigos. O nosso desejo, porém, é erigir sujeitos machadianos, múltiplos *machados* — estes também entendidos como *pharmakon* (DERRIDA, 1991), instrumento de função dupla, a saber, construtor e demolidor, aquele que prega — nos dois sentidos que a palavra permite - e derruba. Aqui vamos relatar o nosso percurso durante essa parte da pesquisa.

Observamos, então, que a reflexão empreendida por Barthes não desfechava um golpe fatal no nosso encaminhamento, como logo de início chegamos a pensar. Logo percebemos um aspecto que deslizava a nossa hipótese de trabalho deste alvo (im)preciso. Vejamos:

Quando mergulhamos nos *alforjes da memória* da correspondência machadiana, percebemos — aí sim — que já tínhamos recebido *antes* o primeiro golpe na nossa ingênua curiosidade: a frustração das nossas expectativas mais infantis — os velhos desejos do senso comum-, quando pretendíamos encontrar segredos inconfessáveis na correspondência. Isso porque, nas cartas analisadas, Machado nada ou quase nada conta. O processo de destruição da primeira identidade previamente estabelecida pelas nossas expectativas já estava começando antes mesmo que pudéssemos perceber...Nesse primeiro movimento e antes que um beco sem saída (de ordem metodológica) se instalasse, voltamos a Barthes.

“Sem dúvida sempre foi assim: desde que um fato é *contado*, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, i.e., finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz-se esse desligamento, a voz perde sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escritura começa.” (BARTHES, 1988, p. 69)

Entendemos o que nossa intuição previra: havia nesta correspondência machadiana um contar sem objeto. Com Barthes, entendemos que a finalidade intransitiva do ato de narrar é uma percepção de certa forma surpreendente porque contraria a expectativa usual na qual sempre se conta “algo” para “alguém”. E o fato de não ter objeto, de não ser o texto da carta direcionada a um foco definitivo, não ter algo diferente para relatar, tudo isso fez,

então, com que nos voltássemos “naturalmente” para o próprio emissor, como se ali, então, estivesse a origem e a explicação daquela ausência.

Novo engano. A surpresa maior, agora, é perceber que, ao se produzir o desligamento e a diluição deste tipo de nexos causal entre relator, relato e relatado, é exatamente neste ponto de fuga que, simbolicamente, morre o autor. E a escritura começa a viver.

E no exame da correspondência, constatamos, de fato, que Machado parecia não pretender “contar” fatos e, curiosamente, os que ele narra já eram de domínio público; resumia-se em repetir, algumas vezes lhes imprimindo um tom pessoal, outras constituindo uma *respeitável* confirmação das expectativas dos destinatários. O paradoxo estaria em como as cartas mantêm a credibilidade em sendo repetição. Dito de outra forma, perguntamos: como a correspondência, versando sobre o *déjà vu* e oferecendo nada mais que o previsível, mantinha a respeitabilidade e o interesse do destinatário, por um lado, e o do intérprete, por outro?

Vejamos primeiro a questão do ponto de vista do destinatário. O valor é um somatório de fatores socialmente atribuídos em determinada época: no caso, a ética da postura machadiana, a simbólica que sua figura emblemática assume na sociedade carioca do século XIX e o conseqüente contágio desta aura àqueles que com ele conviviam são fatores decisivos. Quando o missivista famoso se assumia um cronista de ocorrências já sabidas ou um interlocutor atento que retornava os desabafos ouvidos na mesma medida, ainda assim mantinha a respeitabilidade acolchoando as suas palavras e bem traçadas linhas, respeitabilidade esta que funcionava como uma garantia de veracidade da mensagem veiculada; ou seja, a posição social, a *performance* de mestre e “aconselhador” justificavam todos os ecos e o *déjà vu* presentes na sua correspondência. Assim, se poucas eram as novidades explicitadas, a consistência da palavra constituía-se *pari passu* à constituição do leitor/destinatário e em função do valor atribuído à conduta do escritor Machado de Assis na sociedade letrada dos oitocentos.

E do ponto de vista do intérprete, o seu interesse vem do questionamento. Perguntamos: qual seria a contribuição de sua produção ficcional, jornalística e ensaística como baliza à palavra epistolar? O que efetivamente *ler* nas cartas?

Indagação valiosa, sem dúvida, ainda mais considerando a reverberação dos reconhecidos atributos machadianos - especialmente dos romances, contos e crônicas -: qualidade da escrita, constatação da erudição, ironia do narrador, familiaridade dos leitores com os temas, reflexões filosóficas, conhecimento da alma humana, humor, galhofa, ceticismo, “absenteísmo” e todos os -ismos que o senso comum faz adensar a seu autor.

Deste ponto, a nossa reflexão volta exatamente à questão do autor; entretanto, a narrativa machadiana é, retomando Barthes, assumida por um mediador, dizemos, narrador, “a quem a rigor, se pode admirar a *performance* (isto é, o domínio do código narrativo), mas nunca o gênio.” (BARTHES, 1988, p.66) O mediador — que narra, conta, omite, repete ou silencia - é um produto do autor, uma de suas máscaras, todas desconcertantes porque igualmente genuínas e dissimuladoras.

Ler as cartas enviadas e recebidas por Machado — e quando dizemos cartas referimo-nos somente a elas e com isso excluimos o discurso laudatório produzido sobre Machado a partir de algumas delas — é uma experiência rica e desconcertante, na medida em que sua pena de remetente impede que, parafraseando Barthes, a imagem literária dele, Machado, que se pode encontrar na cultura corrente, mantenha-se tiranicamente centralizada na sua figura de autor, na pessoa, na história, nos gostos e paixões compondo, enfim, a sua propalada genialidade.

“...A explicação da obra é sempre buscada do lado de quem a produziu, como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o *autor*, a entregar sua confidência..” (p.66)

Machado, na correspondência, não desfere golpes demolidores na estrutura social em que se insere. Sua *performance* epistolar não inclui uma série de procedimentos usuais, a saber: contar singularidades, fazer confidências -a não ser as esperadas acerca de sua doença-, relatar fatos que comprometeriam seus amigos ou conhecidos, tampouco polemizar sobre o Império, Canudos, escravidão, abolicionismo, questão militar, República. Diante desta formatação da correspondência, mesmo assim é mais útil, para o intérprete, ler o texto pelo viés das negativas sem, de imediato, traduzi-las meramente com o rótulo de omissão, indiferença, comprometimento pessoal com alguma das partes envolvidas ou absenteísmo político — estigma alimentado mais pelo preconceito do que pelo conhecimento efetivo destes textos.

A propósito do gosto machadiano por esta forma *oblíqua* de narrar, sobretudo na ficção, retornamos ao capítulo homônimo “Das negativas”, com que o narrador Brás Cubas finaliza o *Memórias Póstumas*.

“ Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui Ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais: não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. “(ASSIS, 1979, p.639)

Esta seqüência de não segue-se à conclusão do próprio Brás Cubas de que o principal dos sucessos narrados na primeira parte do livro teria sido a invenção do “divino” emplasto que morrera com ele, fazendo-o não receber o primeiro lugar entre os homens . Por conta disso, “o caso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.” (ASSIS, 1979, p.630) E o desabafo termina com um pequeno saldo, “a derradeira negativa no capítulo de negativas”, - pedra de toque na obra machadiana - que se resume em não ter forjado descendência, em não ver seu corpo se perpetuar e, com isso, romper a continuidade.

A amargura e o alívio do personagem ante a declaração da não perpetuidade hereditária, ao mesmo tempo em que rompem a sua linha da continuidade, marcam-no como o último de sua linhagem; e esta interrupção, esta finitude pode representar justamente o contrário do que pareceu propor - a permanência daquele que não deixou herdeiros, simplesmente por não tê-los deixado. Estratégia paradoxal que, conforme a entendemos, consuma-se pela negação e forja permanência que se constitui pelo fim — um elo entre nascimento e morte, *telos* e *arché* que tantas vezes aparece na ficção machadiana. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, personagem para quem “a campa foi outro berço”, e que não sabe se poria em primeiro lugar o seu nascimento ou a sua morte (ASSIS, 1979, p. 513), torna-o figura derradeira, o último da linhagem; e aquele que morre antes do

esperado e encerra a genealogia familiar ou a própria geração, dificilmente é esquecido. Ao contrário. Por isto, a interrupção da vida pode representar a sua perpetuidade. Brás Cubas faz a nós, leitores, herdeiros perplexos da (des)continuidade e da (in)finitude.

E que *performance* deste narrador-personagem encontraria projeção na correspondência, também plena de negativas, conforme já verificamos? Perguntamos novamente: se Machado missivista não conta fatos nem faz confidências inéditas, se tantas expectativas dos leitores ele *não* satisfaz, o que faz, então? Será que, assim como na ficção o fim afirma a continuidade e a escrita sobrevive à morte — “não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor para quem a campa foi outro berço”(p. 513)-, na correspondência, o “não” também representaria um sim? Mas que espécie de afirmação poderia ser lida em presença das negativas?

No *carteado*, seus segredos não são próprios, antes, é lance bem pensado no jogo epistolar. Neste sentido, o alcance das mensagens aos destinatários é amplo porquanto reforça a aliança entre os membros da confraria de poetas melancólicos; entretanto, o que é conscientemente enfatizado não deixa de ser visceralmente experienciado. E por isso a medida da *performance* não é a sua veracidade com relação ao cunho biográfico, mas o seu efeito na esfera da recepção — no leitor. A consciência, a utilização e até mesmo a simulação da palavra epistolar como estratégia social não impede ou exclui, necessariamente, o sentimento do escritor. Mas há searas ainda mais inapreensíveis como, por exemplo, as “verdadeiras” intenções do autor. Ainda mais agora que já assumimos barthesianamente a dissolução da categoria autor enquanto origem da escritura.

Na leitura das cartas, o que vemos? A palavra escrita — os pretos - , os espaços — brancos — do texto... no papel, mais as rasuras, o tremor do traço, algum apagamento pela erosão do tempo... Mofos, manchas, dobras, rasgos e até alguns riscos. Mas quem disse que a escrita também não se constitui dessas ausências e memórias encobridoras, destes papéis avulsos e velhos?

Neste ponto nos perguntamos: ocorre, então, que espécie de configuração de autor nesta intermitência de sinais, na errância da nossa leitura? Ou, como quer Barthes, como se dá a supressão do sujeito em proveito da escritura, com a conseqüente devolução do lugar para o leitor? E mais: o que Machado erige em suas cartas, que espécie de remetente constitui, que subversão aos códigos institui, embora conceda à sua escritura uma reconhecida consonância às regras sociais? É possível rebelar-se às regras do jogo, mantendo-se no esquema destas mesmas regras? Enfim, desmascará-las através do seu próprio domínio?

A estratégia parece possível para um sujeito narrador performático que opera em nível das expectativas dos leitores, aparentemente para frustrá-las; que estabelece afirmação nas negativas e ainda tece um esquema lógico de simultaneidades em paradigmas consensualmente lidos como excludentes; ou seja, sobretudo na ficção, mas também nas cartas, Machado constitui uma escrita desnorteadora e corrosiva sob uma formatação comportada.

E se a linguagem conhece um sujeito, não uma pessoa, este sujeito é vazio fora da enunciação que o define. O que lemos, portanto, é o sujeito da enunciação e assim o acesso à pessoa “em si” não se encontra disponível nesta página — o que, no nosso entender, é válido até mesmo para aqueles que conviviam com Machado, recebendo e respondendo às suas cartas.

E na trilha de Barthes, ao considerarmos Machado um escritor moderno, dizemos que ele nasce ao mesmo tempo em que lemos seu texto — não precede nem excede a sua

escritura, “é escrito eternamente aqui e agora”.(BARTHES, 1988, p. 68) É importante nos darmos o direito ao engano e ao desengano que as palavras escritas propõem. E “um texto só é um texto se ele oculta, ao primeiro olhar, a lei de sua composição e a regra de seu jogo.” (p.68) Se não vamos encontrar nas cartas segredos inconfessáveis, o que esperar? Talvez aqui, nesse pequeno estudo, o leitor não encontre nada — a não ser o seu próprio (não)lugar. É quando sobressai a proposta barthesiana: à morte do autor sobrevém o nascimento da escritura.

2. Entre a dor e o cuidado de si

“Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade da palavra e da escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho e si para consigo e a comunicação com outrem.” (FOUCAULT, 1985, p.57)

“Palavras têm que adoecer de mim para que se/ tornem mais saudáveis.” (MANOEL DE BARROS, 1998, p. 21)

Para ler mais amplamente o contexto da letra machadiana, lembramos a jovem sociedade carioca dos oitocentos — três séculos de idade - na qual a vida privada é dotada de grande valor e com isso constitui o centro de referências e um dos pressupostos para a sua (auto)valorização, “como é o caso das classes burguesas nos países ocidentais do século XIX”.(FOUCAULT, 1985, p.48)

Conforme explica Foucault, a modalidade social auto-centrada constitui um individualismo fraco e, ao contrário do que parecem, as relações de si para consigo não são desenvolvidas neste caso. Ao falar nas relações *de si para consigo*, refere-se às formas de atividade “nas quais se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se e promover a própria salvação.” (p. 48s.) Em outras palavras, entendemos que o autocentramento implica em distanciar-se de si próprio. Para confirmar este argumento, sabemos, por estudos antropológicos, que há sociedades ou grupos nas quais a relação consigo é intensificada, sem que por isso sejam reforçados os valores do individualismo ou da vida privada.

Foucault caracteriza a *cultura de si* pelo não individualismo e pelo fato de que a arte da existência segue o princípio pelo qual é preciso “ter cuidados consigo”, princípio este que “fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática.” (p. 49)

Lendo a correspondência de Machado e os acadêmicos², verificamos a recorrência do aconselhamento, a reiterada orientação para os jovens, seja nos momentos de desalento, angústia, melancolia existencial, frustração ou desventura familiar ou material, seja nos momentos de glória — publicações, promoções, viagens, casamentos.

A orientação quase pedagógica reforça o *cuidado de si*, apoiando-se nas *forças curadoras da poesia*. A expressão também faz parte do universo de Manuel Bandeira quando, em seu *Itinerário de Pasárgada* e em muitos outros momentos de sua obra, reproduz sensação e pontos de vista similares. (RIBAS, M.C.C., 1987)

Por “cuidado de si”, na correspondência machadiana, entendemos o “si” com o atributo privilegiado de “ser poeta”, escritor, ser autor. Supomos que, ao reforçar a estima do destinatário elogiando a sua condição de autor, ao incensá-lo, o missivista realoca o leitor (destinatário) em uma posição especial; ao mesmo tempo deixa o destinatário à

vontade para se colocar da mesma forma e emitir comentários sobre a produção literária uns dos outros; vale lembrar que estes seus leitores de cartas serão sempre autores de cartas e livros, já que Machado se corresponde com a sociedade letrada em que está inserido. Tomemos alguns exemplos:

“Mal tenho tempo de agradecer-te muito do coração o belo artigo que escreveste /.../, a propósito das Americanas. Está como tudo o que é teu: muita reflexão e forma esplêndida. Cá ficará entre as minhas jóias literárias. Vai por este vapor um exemplar da Helena, romance que publiquei no Globo/.../ Escrevo esta carta, à hora de sair da Secretaria...”

Carta de Machado a Salvador de Mendonça (13.XI.1876)

“/.../com as minhas saudações, [despeço-me] e mande-me em troca alguns versos se os houve e, se não, a sua boa pessoa epistolar, que é a própria pessoa do autor. Adeus...”

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (11.I.1880)

O próximo trecho transcrito mostra que o Amigo acadêmico tinha noção plena da acidez machadiana na escrita dos seus romances, da sua relação ambígua com o leitor, ora incensando, ora atacando, como abelha — entre o mel e a ferroada:

“...Mas vamos a coisas melhores e falemos do seu Dom Casmurro . Ansiava tê-lo, e li-o no mesmo dia em que o me entregaram, com a tão afetuosa dedicatória sua. Já lhe disse na minha carta anterior que o seu estilo — caso raríssimo em qualquer literatura — tem o privilégio da juventude perpétua; e tanto mais admirável é isso, quanto menos juvenil é a filosofia que ela interpreta. Quero dizer que aliar juventude ao entusiasmo é relativamente fácil; são duas qualidades irmãs./.../ Vemos, pois, a sua pena que corre ágil, airosa, vigorosa, segura, não por planos caminhos floridos, mas por ásperos e pedregosos atalhos, onde viçam rosas /.../ e onde as abelhas nos fazem pagar o seu mel/.../com ferroadas dolorosas.” (gr.nossos)

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo³ (10.V.1800)

“Começamos a ler aqui a Ilustre Casa de Ramires, que promete ser um (academicamente falando) novo florão para o nosso Eça de Queirós. A arte com que está posta, desenhada e pintada a principal figura é realmente admirável, e não é preciso falar particularmente da língua e do estilo, que fazem parte deste.”

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo⁴ (10.I.1896)

“O livro simpático e excelente que Afonso Celso⁵ acaba de publicar é verdadeiramente uma boa obra, uma obra de virtude e de talento. Não se trata de uma declamação retórica, inspirada por um patriotismo de pacotilha; é um livro sensato, lúcido, documentado, que merece o aplauso dos melhores”.

Carta de Azeredo a Machado de Assis (20.III.1901)

“Li, com a pausa necessária a tão largo, numeroso e profundo trabalho, a Réplica de V. Ex^a às defesas de relação do Código Civil, a qual agradeço o exemplar que me mandou. Que, mais de uma vez, fique o meu nome entre os que V. Ex^a escolheu como dignos de citação, é já de si grande honra, mas V. Ex^a a fez ainda maior com as palavras generosas que lhe acrescentou a meu respeito. Assim que, ambas as razões, a de admiração e a de gratidão, me levam a guardar este livro entre os que mais prezo, para estudo de nossa língua e animação a mim próprio.” (gr. nossos)
 Carta de Machado a Rui Barbosa (9.XI.1903)

No círculo machadiano, as cartas vão nos trazendo, pouco a pouco, o procedimento de olhar para si mesmo, mas mediado pelo olhar alheio; ao corresponder-se com seus pares, a estratégia tem o efeito de defender e reafirmar o lugar do missivista na sociedade da época.

Assim, o primado da “cultura de si” - através do preceito segundo o qual todos devem “cuidar de si” sem olhar apenas para o seu eu - representa uma atitude, uma conduta e se desdobrava em procedimentos metodológicos, acabando por instituir uma prática social — desenvolvida, aperfeiçoada e ensinada, por sua vez “dando lugar a relações interindividuais, a trocas, comunicações e até mesmo a instituições; o cuidado de si proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e elaboração de um saber.” (FOUCAULT, 1985, P.50)

Eis aí um aspecto da prática epistolar machadiana, o qual reconhecemos quando Foucault menciona o “lento desenvolvimento da arte de viver sob o signo do cuidado de si”(p.50); o filósofo lembra-nos, ainda, que este fenômeno só diria respeito a grupos sociais limitados e portadores de cultura, grupos estes em que a arte de viver corresponderia a um sentido e a uma realidade.

A escrita da correspondência em Machado apresenta, em sua maioria, um projeto literário de cunho pedagógico — o de conduzir os jovens destinatários em direção às Musas, poesia e filhas da memória —; ao estimulá-los, ao ser generoso no compartilhar experiências, ia constituindo e repassando a arte do ofício e a de viver e transitar bem na elite intelectual. Cuidando do outro, cuidava de si.

Este caminho fica ainda mais significativo a partir dos relatos — recorrentes e consensuais — sobre o rosário de doenças que unia os missivistas numa confraria de queixosos contumazes. Embora tenhamos lido alguns autores da época sobre questões médicas e psiquiátricas (COSTA, Othon, Petit Trianon, s.d.) neste ponto a nossa preocupação não é com o grau de veracidade dos males relatados, mas com a representação simbólica destes sintomas e com o efeito que poetas obtinham ao irmanar-se pela doença. Em se tratando de Cartas, a doença instalada não é visível fisicamente, mas no relato. Todos falam de si, mas dificilmente vêem fisicamente o corpo marcado pela dor. Trazemos aqui Roberto Corrêa. Quando nos oferece a bela imagem do rosto como representação viva do sintoma narrado:

“Do corpo, o rosto é o local privilegiado: papel branco onde se escrevem as sintomatizações; acentua-se aí seu significado metafísico de espelho da alma”.
 (SANTOS, 1999, p. 20)

Machado foi aquele que, por mais discrição que tivesse, não conseguia esconder plenamente o texto do seu próprio corpo. As dissimulações, redundâncias, negativas, silêncios são estratégias que a sua pena, não o seu corpo, consegue realizar. O físico, em

decorrência da que chamava “natureza madrasta”, expunha, sem que pudesse controlar, a carga da sua dor.

Diferentemente de Dostoievski⁶, Flaubert, acometido da mesma doença, tinha, como Machado, “pudores de seu mal.” O horror de Machado pela sua *nevrose*, tal como observa um de seus biógrafos, Alfredo Pujol, é uma realidade presente na sua correspondência. Machado recusava-se a se revelar, intimamente, aos amigos, numa retração produzida pela sua psicologia. Seu amigo mais íntimo, apesar da diferença de idade, foi Mario de Alencar, segundo os médicos da época, um típico “nevrosado”. Em geral, Machado escondia sua doença. Certa vez, a um amigo, que indiscretamente lhe notara o embaraço da dicção, problema ainda mais agravado pela gagueira — o que ficava visível nas reuniões da Academia e em alguma situação de proferir discursos e palestras —, ele se defendia:

“A razão era estar com aftas, que me mortificavam e impediam de comer.”

Carta de Machado a Lucio de Mendonça (11.VI.1900)

Como previsto, o lugar deste corpo doente não deveria ser a esfera pública, mas o repouso, o quarto, a cama representando a diminuição e a recusa do contato com os espaços sociais mais amplos. Ora, sabemos que o enfermo fica confinado, privado da convivência com os outros, mesmo que o isolamento não seja do seu interesse. O que então causaria, primariamente, esta dor?

Roberto Corrêa explica a dor pela privação do afeto — herança romântica- e a relaciona ao olfato:

“A carga de dor provocada pela cena afetiva impõe recusa à vida. A defesa e seus mecanismos são de natureza reativa: para não sofrer do afeto, sofre-se de fato do corpo — este é o modo que a memória escolhe para descarregar.” (p. 20) (gr. nossos)

Esta intensa carga de sofrimento, no entanto, não é a causa absoluta da presença de doenças e afecções presentes nos textos do século XIX. Do ponto de vista dos valores e atitudes, a literatura ficcional do período tinha uma estreita relação com a sociedade que a inspirava.

Queremos dizer, com Roberto Corrêa dos Santos, que o estado de Machado encontra projeção na vida social do século XIX. A diferença é que Machado representava o esforço do não confinamento que a enfermidade obriga. E, a despeito da doença, transitava, o máximo que podia, no espaço freqüentado pela elite intelectual e política da sua época. A restrição espacial que infelizmente, segundo ele, não pôde ultrapassar foi a experiência das viagens. Machado jamais saiu do Rio de Janeiro.

“....o invejo de longe...Eu, meu caro amigo, pelo avanço dos anos, e por outras razões não menos melancólicas, creio que irei deste mundo sem ver uma outra parte dele, que atraem os jovens do meu tempo e continuará a atrair os de hoje. Não sei o que serão hoje essa Veneza e essa Verona, que trouxeram para o finado romantismo a imortalidade de Shyloch e de Julieta e Romeu. Sei o que Byron ainda pôde achar nas águas do Lido e o que Stendhal contou de Milão, sem esquecer os versos de Musset e de tantos outros.”

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (25.IV.1897)

Ainda sobre a sua doença, temos algumas informações específicas (COSTA, Othon, 1937), colhidas aos acervos da ABL. Miguel Couto foi o médico-assistente e, segundo o próprio Machado, o seu médico de alma, apoio incondicional na sua vida, conforme relata ao jovem amigo Mario, filho de José de Alencar:

“De mim vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando sem novidade o pecado original, deixe-me chamar-lhe assim. Creio que o Miguel Couto me trouxe a graça”.

Carta de Machado a Mario de Alencar (21.I.1908.)

Na época, não havia remédio para a epilepsia, sequer algum que minimizasse as crises de convulsão e os outros graves desdobramentos; além de amnésias e dores de cabeça, havia o que Machado chamava tísica mesentérica, grave infecção intestinal que debilitava todo o organismo. Othon Costa lembra-nos que este auto-diagnóstico de Machado estava distante de uma exata figuração nosológica, pois a “tísica mesentérica” não passava de mais uma simulação do “Psicólogo de Brás Cubas” (p. 9) para esconder a afecção intestinal, um dos sintomas viscerais da epilepsia.

Neste contexto difícil, a função do médico era cuidar da alma, como de fato fazia: reforçava a estima do doente, fazia-o sentir-se acompanhado e ainda o ensinava a reconhecer em si os sintomas da crise para que, quando ela estivesse se aproximando, pudesse tomar algumas medidas práticas, tais como: evitar sair à rua, manter-se em lugar adequado para não incorrer no risco das quedas, proteger a língua das mordeduras convulsivas e, sobretudo, a recuperar seu “equilíbrio de espírito” porque, durante as crises, havia apagamentos — que Machado chamava de brancos e vazios —, com perda de memória seguidas de intensas dores de cabeça.

Das notas sobre as crises de epilepsia⁷:

“4 de setembro

A ausência em casa do Garnier, onde bebi água e Lansac me deu saís a cheirar. Era de tarde. Fizera-me sentar, e eu respondi em português, ao que ele me dizia em francês, saí, vim a casa, jantei, e saí para a estrada de ferro, onde me despedi do Lauro Müller, que ia a Minas./.../ Conteí isso ao médico (Miguel Couto) , dizendo-lhe que mediará. Entre o fenômeno e a crise que tive no jornal, 22 dias.”

17 de setembro

Caso da bacia, à noite (Ausência?)

Outra ausência a 18 de setembro.

9 de outubro

(Ao fim do jantar) Crise. Não me ficaram as dores de costume, mas fiquei sonolento e não saí.

Novembro

Noite 3 para 4 — Amanheci...Não sei se foi ausência ou crise. Crise não me pareceu, não me ficaram outros sinais.

14 — *Ausência.*

15 (Noite) *Sinais de crise, ao jantar boca amargosa e aquilo da...*

Dezembro

4 — *A tarde em casa, o sono antes do jantar, precedido do sintoma. Durante os outros dias leves incômodos nervos, menos intensos e duradouros, iguais aos que costumo ter.*

27 — *(À tarde) Cochilo no bonde e vontade de dormir.*

Janeiro

Noite de 6 para 7 — *Crise*

Noite de 14 (Jogando gamão ...) *Ausência; pouco tempo, continuei o jogo sem me levantar, e com a memória de tudo.*

31 — *Ausência, escrevendo de manhã, sono. Voltei sentado e continuei a escrever, diferença apenas de algumas palavras escritas.”*

Com Foucault, dizemos que a prática de recolher e registrar anotações é também mobilizada pela cultura de si. Representa o cuidado consigo mesmo e o resultado é a escrita de si, o lugar entre a carta e o diário, o espaço em que modos de adoecer são também modos de dizer.

Há outros exemplos de relatos e queixas sobre a constância e a repetição das doenças, ou seja, da sua não cura:

“A minha doença seria antes cansaço que outra coisa. Estou e continuo muito fatigado, e ultimamente, por isto ou aquilo, tenho tido algumas dores nevralgicas na cabeça, mas não estão passando.”

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (29.V.1897)

“Esta carta não é longa. Escrevo-a com um acesso intermitente de nevralgia, talvez agravado pelo trabalho do gabinete, que é grande e longo. Já lhe disse esta última parte mais de uma vez. Não estranhe a repetição; é próprio da idade.”

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (21.II.1901)

O amigo mais íntimo de Machado, pelo teor da correspondência, parece ter sido Mario de Alencar, com quem se identificava pelo amor à poesia e pela doença.

Falando no filho de José de Alencar lembramos que, ainda mais intensamente que Machado, o jovem Mario contava todos os pormenores de seu estado mórbido, que se estendia ao *spleen*, ao mal dos nervos, à visceral melancolia, enfim, ao que hoje equivaleria a estados depressivos crônicos.

A correspondência de Mario e Machado, “O regime de anotações diárias das mutações de humor e da saúde do corpo que estrutura as cartas-diário /.../ fornece a base da retórica narrativa do Memorial de Aires, ou melhor, o modelo para os ‘cadernos do conselheiro’...” (WERNECK, 1996, p. 239)

Este romance é mais um exemplo, na produção machadiana, em que a matriz ficcional está envelopada, imprimindo ao romance uma formatação epistolar. O bruxo picota a

narração e a recria numa outra ordem, “afastando o fantasma do seqüestro de originais, convenção de verossimilhança ao gosto romântico”. (p. 239) Nas cartas, ao falar com insistência de si mesmo, da sua doença — sem jamais nomeá-la —, os poetas repetem a paixão ultra-romântica em seu conluio amor e morte — mas como efeito do cuidado de si, de chamar a atenção para o próprio corpo, para não ser esquecido.

“A letra vai um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me trouxe de cama alguns dias.” (gr. nossos)

Carta de Machado a José Veríssimo (31.I.1904)

“O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes, delicados e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe, também doente sem médico.” (gr. nossos)

Carta de Machado a Mario de Alencar (8.II.1908)

“Eu, que tenho mais direito a enfermidades, não lhe digo senão que as vou espiando com olhos cansados. O muito trabalho destes últimos dias tem-me trazido alguns fenômenos nervosos.” (gr. nossos)

Carta de Machado a Mario de Alencar (21.I.1908)

“É preciso sacudir esses nervos despóticos, que fazem da gente o que querem. Bem sei que somente conselhos não valem para tais casos.”

Carta de Machado a Mario de Alencar (23.IV.1908)

Com a leitura das cartas, fomos observando que mesmo quando está falando de outro assunto, de repente Machado traz o foco para si, para o próprio corpo doente. A epilepsia jamais é nomeada enquanto tal, em decorrência do sentimento de autopreservação pessoal e do sentido profundamente negativo que o termo assumiu como herança dos séculos anteriores no imaginário ocidental. Vale observar que, no texto das cartas, a doença fica ainda mais agravada pela sua não referência explícita. Há um pacto silencioso entre os missivistas em esconder o nome terrível.

Os correspondentes agem todos exatamente da mesma forma. Observamos uma singularidade no caso de Azeredo, quando, numa determinada carta, ele declara a vontade de cura :

“por minha parte, passei todo este tempo sem lhe escrever mais, porque estive bastante doente, ainda que não de cama; a dispepsia nervosa agravou-se-me, em consequência talvez do trabalho a que me entreguei desde a minha chegada/.../[o médico] acabou por impor-me absoluto repouso intelectual e grande exercício físico. Eu sujeitei-me sem resistência, por que compreendi afinal quanto a saúde é necessária para realizar o meu plano de vida.”

Carta de Magalhães de Azeredo para Machado⁸ (2.III.1895)

Em carta de 2.IV.1895, também ao amigo Magalhães de Azeredo, Machado fala da dispepsia nervosa e cita que padeceu de uma retinite — inflamação nas retinas —, motivo

pelo qual ficou proibido de ler durante longas semanas, relatando que foi a mulher quem lia para ele e acabou ficando como secretária, pois lhe ditou a maior parte de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ao relatar as dores e males vividos, os amigos missivistas buscavam apoio mútuo, similaridades, vivências em comum.

O apoio epistolar traduz-se, portanto, em demonstrações explícitas de afeto - o mesmo que parece não ser sentido em um nível mais profundo - unindo os missivistas numa confraria de artistas sofredores. É este amálgama afetivo que os vincula e lhes suaviza as dores, ao mesmo tempo em que preenche os recorrentes e declarados vazios e lhes compensa a carência afetiva.

A freqüência das cartas, o vínculo entre os poetas, a idéia compartilhada de salvação pelas musas, tudo compõe uma ode à permanência e representa uma forte compensação do sujeito que cuida de si ; de um círculo de sujeitos que, simultaneamente à experiência da própria finitude precipitada pela doença constante, alimentam-se da própria dor para continuarem presentes e até, quem sabe, se sentirem amados. Retomamos Maria Helena Werneck, “ *O corpo ameaçado coloca em risco a produção artística, mas, em sentido contrário, pode nutrir-se da fraqueza para constituir sua soberania.*” (WERNECK, 1996, p. 41)

Com relação ao binômio doença/cura, Foucault nos lembra que o cuidado de si está em correlação direta com o pensamento e a prática médica, à filosofia e à medicina e, por isso, se aplica tanto à paixão quanto à doença física; em ambos os casos,

“refere-se a um estado de passividade que para o corpo toma a forma de afecção que perturba o equilíbrio dos seus humores o de suas qualidades e que, par a alma, tomam a forma de um movimento capaz de arrebatá-la para fora dela própria” (p. 59-60).

Às vezes a perturbação se instala no corpo e na alma, tal a ligação dos dois sistemas. E sobre a comparação mediana do corpo e terapêutica da alma, toda uma série de metáforas médicas é utilizada regularmente para designar as operações necessárias para os cuidados da alma e estão presentes na produção ficcional do século XIX, exemplo: usar um escalpelo na ferida, abrir um abscesso, evacuar as superfluidades, dar medicações, fazer um emplasto, prescrever poções, calmantes ou tonificantes.

O “cuidado de si” representa para o escritor um labor o qual, por sua vez, favorece a condição humana de autonomia e livre-arbítrio que o tornaria capaz de compensar os desmandos da natureza — traduzidos por males no corpo. O cuidado de si pode ainda estender-se aos subordinados e aos doentes e feridos. Resumindo: sempre implica em labor, demanda esforço e se consolida em alguma atitude. Especificamente sobre cartas que demandam e são produzidas pelo cuidado de si, fala Foucault:

“Existem, então, as conversas com um confidente, amigo, guia ou diretor, às quais se acrescenta a correspondência onde se expõe o estado da própria alma, solicita-se conselhos, ou eles são fornecidos a quem deles necessita — o que, aliás, constitui um exercício benéfico até para aquele chamado preceptor, pois assim ele os reatualiza para si próprio.” (FOUCAULT, 1985, p.57)

Daí constatamos um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela, ao contrário do que possa parecer, não constitui um exercício de solidão, mas

uma prática social na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com o entorno, com outrem. E com isso podemos achar a resposta a um dos questionamentos aqui levantados: é um procedimento que forma comunidades e pode tomar formas institucionalizadas, como sugere o fato de, por exemplo, Machado ter fundado a Academia Brasileira de Letras, no ano de 1897.

“Sobre a Academia Brasileira de Letras tenho que lhe dizer que, pelos estatutos, deve inaugurar-se no dia 1º de maio, e assim está combinado, mas quero ver se adiamos a cerimônia. Temos boa sala de empréstimo; melhor é que a inauguração se faça em sala definitiva, e há promessa de uma excelente; não está ainda concedida, mas a promessa vale pela concessão. De um ou de outro modo, creio que a Academia irá adiante.”

(Carta de Machado a Magalhães de Azeredo, 25.IV.1897)

“Literariamente estamos com a Academia, que ainda não inaugurou por falta de lugar; mas estamos a ver se podemos estabelecê-la provisoriamente no Pedagogium. Logo depois, há esperança de alcançar alguma coisa no Congresso; há, pelo menos, promessa de um deputado que oferece alcançar o acordo de amigos. Os tempos não são bons; trata-se de cortes e economias nos orçamentos, mas será tão pouco o necessário à vida da Academia que alguma coisa se tentará”.

(Carta de Machado a Magalhães de Azeredo (29.V.1897)

“Temos enfim uma sala no Pedagogium. Não é só nossa; é a em que trabalha a Academia de Medicina. O Cesário falou ao Presidente desta, que consentiu em receber-nos, e eu fui depois entender-me com ele, e tudo se ajustou. /.../Resta só agora uma ordem escrita do Diretor da Instrução...”

Carta de Machado a Rodrigo Otávio (22.XI.1899)

Interessante o dado de que a primeira sala em que a Academia Brasileira de Letras conseguisse se instalar fosse exatamente a Academia de Medicina e com o apoio de Manoel Bomfim, seu diretor, médico e estudioso dos Males da América Latina⁹.

Esta aplicação a si, entretanto, não possuía, como único suporte social, a formação de escolas e profissionais de ensino e/ou diretor, mas encontrava apoio nas relações habituais de parentesco, amizade ou obrigação. Assim o cuidado de si projeta-se na ajuda ao outro, o que decorre na intensificação das relações sociais sob a égide da reciprocidade: um jogo de trocas em um sistema de obrigações mútuas.

“Dar notícias de si é menos enviar informações sobre as disputas na Academia e sobre os compromissos a que deve comparecer como Presidente da Instituição, como banquetes a políticos da República Velha. É mais aproveitar para olhar para o seu corpo transformado em máquina que fala e dispensa a máscara.” (WERNECK, 1996, p. 235)

O cuidado de si leva, então, a atenção do sujeito para o próprio corpo. Esta atenção é diferente da conhecida valorização do vigor físico, presente em algumas culturas clássicas e contemporâneas. Ela possui algo paradoxal pois se inscreve, parcialmente, no interior de

uma moral que afirma que a morte, a doença e a dor não constituem verdadeiros males e devem ser aplicados à própria alma. Ao compreender estas práticas de si, constatamos que os males do corpo e da alma podem comunicar-se entre si.

Assim, como acontece com Machado segundo suas reiteradas declarações, o corpo com o qual o adulto deve se preocupar não é mais o corpo jovem, mas um corpo frágil, ameaçado, munido de pequenas misérias e que, em troca, ameaça a alma. É um discurso perpassado pelo temor do excesso, da leitura de distúrbios imediatamente traduzidos como sintomas de algum mal sempre iminente, pelas influências desorganizadoras das mudanças climáticas, a atenção detalhada ao disfuncionamento... todos índices de perturbações do corpo e da alma.

“Não creia que me possa ver aí, onde eu desejava estar, agora que o verão entrou com todos os seus fornos acesos. Há muito não temos estação tão cálida. Não há sequer a compensação das noites, que em muitos lugares são mais ou menos frescas. Aqui tem sido insuportáveis. A de ontem, após três noites de temporal, pôde ser dormida com sossego. Sabe que padeço muito com o calor... mas basta de calor e de mim./.../ Creio que já escrevi algures, mas faça de conta que não: nunca pude entender o verso de Alvares de Azevedo

‘Sou filho do calor, odeio o frio.’

Não odeio o frio, adoro-o, este daqui, ao menos, que é apenas uma fresca e deliciosa primavera.”

Carta de Machado a Magalhães de Azeredo¹⁰ (14.I.1894)

Esta carta fala de traços sutis do olhar machadiano. O foco nos incômodos climáticos, o calor exagerado do Rio sentido como “fornos acesos”, o seu teor de intolerância às noites, cuja temperatura é incompatível com um sono reparador tem o seu lado objetivo, que todo o carioca, ainda hoje, pode comprovar. Por outro ponto de vista, indicia desorganização do corpo e da alma projetadas no ambiente externo. Muitas vezes, o sujeito não suporta ler a própria agonia e a torna mais visível quando a desloca para o lugar em que está naquele momento.

A prática de si implica em o sujeito se constituir face a si próprio, como alguém que se descobre em permanente estado de necessidade e que, por isso, torna urgente continuar recebendo medicação e socorro. Neste sentido, a privação (provação prática) é um exercício importante porque antecipa o estado do sujeito, munindo-o previamente de recursos para superar a situação, quando ela ocorrer. Trata-se de um treino antes da ação.

Acrescentemos a isso a necessidade de um trabalho do pensamento sobre ele mesmo, o que significa adotar, com relação a si, o papel de “vigia noturno” e voltar-se para o próprio passado, compilá-lo, passá-lo em revista e estabelecer com ele uma relação não perturbadora.

A compensação de Machado para a doença, para a sensação de deslocamento no próprio meio e no próprio tempo — passado e presente, porque futuro não há - promovia uma necessidade visceral de integração, de correspondência, confraria, instituição. Este é um outro viés para que possamos compreender a premência que Machado provavelmente sentia em vincular-se aos companheiros. E, juntando com o fato de seu corpo expor sem pudores o que ele cuidava de reter para si, o caminho mais confortável era — presença ausente - a escritura.

Se na correspondência machadiana o contar, portanto, é um ato intransitivo — sem objeto - e a instância autoral enquanto fonte geradora está “morta” — sem sujeito autor -, a funcionalidade, enfim, o valor da correspondência estaria na relação estabelecida com os seus leitores, no jogo discursivo a ser desenvolvido aqui e agora, entre traços, silêncios e mofos, e desdobrando-se, para além das expectativas, nos surpreendentes efeitos da escritura múltipla.

NOTAS

¹ Este artigo é parte da pesquisa intitulada “Re-visões machadianas: um mergulho nos alforjes da memória”, realizada a partir do Convênio entre a Academia Brasileira de Letras, à época presidida por Tarcísio Padilha, e a Fundação Carlos Chagas de Apoio à Pesquisa no Rio de Janeiro, Faperj, então sob a Presidência de Antonio Celso Alves Pereira. Foi examinado o Acervo que integra o Arquivo Machado de Assis, do Centro de Memória da ABL.

² Referimo-nos a Magalhães de Azeredo, Salvador de Mendonça, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Mario de Alencar, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Rui Barbosa, João Ribeiro, Lucio de Mendonça.

³ Nesta época Magalhães de Azeredo estava em Roma, de onde veio a carta, como alto representante da Legação do Brasil junto à Santa Sé.

⁴ Nesta mesma carta, Azeredo relata a Machado que tinha sido reintegrado ao posto na Legação da Santa Sé em Roma.

⁵ Refere-se ao livro do Conde Afonso Celso (1860-1938), Visconde de Ouro Preto, *Por que me ufano do meu país – right or wrong, my country*, reeditado pela Expressão e Cultura em 1997. O autor, em sua visão romântica, levanta dez motivos de superioridade do Brasil, sempre partindo da natureza para chegar ao *sentimento* do social.

⁶ Segundo Othon Costa, Dostoiévski declarava que homens são não desconfiavam do sentimento delicioso que dominava o epilético antes do ataque.

⁷ As notas foram tomadas por Machado sem a referência ao ano, mas há uma suposição: teriam sido feitas entre os meses de set de 1906 a jan. 1907, um ano antes da sua morte. Conferir MAGALHÃES JR., *Vida e obra de Machado de Assis*, vol. IV Civilização Brasileira, INL: MEC, 1981 e também o Catálogo da Exposição do Centenário de Machado de Assis.

⁸ Esta carta foi escrita em Montevidéu.

⁹ Referimo-nos ao livro *América Latina, Males de Origem – Parasitismo Social e Evolução*., editado pela Garnier em 1905, e que pode ser encontrado na Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁰ Neste período, Azeredo estava em São João del Rei. Em toda a carta, Machado compara a amenidade do clima mineiro com o incômodo do calor carioca.

BIBLIOGRAFIA:

ASSIS, Machado de. “Das negativas”, cap. CLX. In: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Obra Completa. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

FOUCAULT, M. “A cultura de si”. In: *História da sexualidade III – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

COSTA, Othon. Phocion Serpa, H. Codet - *Psychiatrie* -, Afranio Peixoto - *Medicina Legal* -, In: *Machado de Assis, Epilético* – Rio de Janeiro: *Petit Trianon*. s.d..

_____. *Machado de Assis, epilético*. pub. Gazeta Policial, RJ, 31 jul 1937.

RIBAS, Maria Cristina. “O que eu vejo é o beco.” Manuel Bandeira: a poética do entrelugar. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997. 130 p.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, Modos de Adoecer*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*: Machado de Assis na escrita das biografias.. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.